



A Santa Sé

**HOMILIA DO PAPA BENTO XVI
NA BASÍLICA DE SÃO PEDRO
ÀS SOLENES EXÉQUIAS
DO CARDEAL ANGELO FELICI**

Terça-feira, 19 de Junho de 2007

Há pouco, no Evangelho, ouvimos estas palavras de Cristo: *"Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna e Eu ressuscitá-lo-ei no último dia"* (Jo 6, 54). Elas iluminam a nossa fé e sustentam a nossa esperança no momento triste e solene que estamos a viver, enquanto reunidos à volta do Altar, nos preparamos para dar a última saudação, com sentimentos de afecto e de fervoroso reconhecimento, ao nosso venerado Irmão, o Cardeal Angelo Felici. Com ele e para ele desejamos confessar, com particular intensidade, a consciência de que na Eucaristia somos misteriosamente tornados partícipes da morte e da ressurreição do Senhor, crendo firmemente que Deus prepara para os seus servos bons e fiéis o prémio da vida que não terá fim. Foi esta a fé que guiou a longa e fecunda existência sacerdotal do Cardeal Felici. Com esta fé ele celebrou o Sacrifício divino, procurando na Eucaristia a referência constante do seu itinerário espiritual; com esta fé hauriu da Eucaristia a força para desempenhar o seu zeloso trabalho na vinha do Senhor! Confiamos que agora o Pai o tenha acolhido na sua casa para participar no convívio do céu.

Reunidos à volta do Altar, rezamos para que este nosso irmão no sacerdócio possa ver face a face Jesus Cristo, o seu Senhor (cf. *1 Cor 13, 12*), que na terra se esforçou por servir com amor. Neste momento ressoa no nosso coração com eco singular a exortação do apóstolo João: *"Nisto conhecemos a caridade: Ele (Jesus) deu a Sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos"* (*1 Jo 3, 16*). Poderíamos dizer que estas palavras sintetizam de modo eficaz a intenção profunda que orientou a vida e o ministério eclesial do saudoso Cardeal. Originário da antiga e nobre cidade de Segni, o adolescente Angelo Felici respondeu imediatamente à chamada do Senhor e foi acolhido no Pontifício Colégio Leoniano de Anagni, onde realizou os estudos de filosofia e teologia. Tendo recebido o Subdiaconado, foi imediatamente orientado para a Pontifícia Academia Eclesiástica e a 4 de Abril de 1942, com quase vinte e três anos, recebeu a

Ordenação sacerdotal. A sua formação intelectual prosseguiu então no campo jurídico: frequentou os cursos *Utriusque Iuris* do Ateneu Lateranense e em seguida passou para a Universidade Gregoriana, onde obteve o Doutoramento em Direito Canónico.

O seu sacerdócio foi em prática totalmente dedicado a servir a Sé Apostólica, colaborando estreitamente com o Sucessor de Pedro. De facto, tendo entrado a 1 de Julho de 1945 na Secretaria de Estado, adquiriu uma notável experiência nas relações da Santa Sé com os Estados, trabalhando primeiro com o Cardeal Tardini e depois com o Cardeal Cicognani. Por esta sua competência e pela provada fidelidade, o Servo de Deus Paulo VI nomeou-o Subsecretário da que na época se chamava Congregação para os Assuntos Eclesiásticos Extraordinários. Naquele mesmo período uniu ao serviço à Santa Sé o ensino do estilo diplomático aos alunos da Pontifícia Academia Eclesiástica até quando, em Julho de 1967, foi eleito Arcebispo e enviado como pró-Núncio Apostólico nos Países Baixos onde permaneceu por nove anos. Em 1976 tornou-se Representante Pontifício em Portugal, depois de três anos foi para Paris onde teve a ventura de acolher por três vezes o amado João Paulo II, por ocasião das suas peregrinações apostólicas na França. Chamado em 1988 para Roma, foi criado Cardeal com o Título dos Santos Brás e Carlos "in Catinari", sendo nomeado Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos. Serviço que o amado e venerado Cardeal Felici desempenhou até 1995, ocupando em seguida o cargo de Presidente da Pontifícia Comissão *Ecclesia Dei* até ao ano 2000.

Apraz-me recordar aqui o que o Servo de Deus João Paulo II lhe escreveu por ocasião do seu 50º aniversário de Sacerdócio e 25º de Episcopado, pondo em realce o escrupuloso sentido do dever que o distinguia e a sua solícita execução das directrizes ao enfrentar os problemas e os assuntos públicos da Igreja universal. O seu ministério episcopal afirmava o Papa foi totalmente dedicado ao bem dos fiéis, à missão benéfica dos Pontífices Romanos e da Sé Apostólica. Desejamos agora dar graças ao Senhor pela abundante messe de frutos apostólicos que ele, com a ajuda da graça divina, pôde recolher nos vários campos da sua iluminada e preciosa actividade pastoral e diplomática.

Pedimos ao Bom Pastor que, reconhecendo a caridade com que o saudoso Cardeal trabalhou durante a sua longa vida terrena, o queira admitir para contemplar a luz radiosa do seu Rosto glorioso.

Portanto, enquanto nos preparamos para dar a extrema saudação a este nosso venerado Irmão, as palavras do Livro da Sabedoria, que foram proclamadas há pouco, reavivem no nosso coração a luz da confiança no Deus da vida: *"As almas dos justos estão nas mãos de Deus"* (3, 1). Sim, as almas dos amigos de Deus repousam na paz do seu coração. Esta certeza, que devemos alimentar sempre, nos seja constante admoestação a permanecer vigilantes na oração e a perseverar humilde e fielmente no trabalho ao serviço da Igreja. A alma do justo encontra repouso em Deus; só quem n'Ele confia não estará confundido eternamente. *"In Te, Domine, speravi, non confundar in aeternum"*.

Certamente o saudoso Cardeal Angelo Felici aguardou a morte e preparou-se para ela com este espírito e com esta consciência. Entre os seus documentos encontrou-se um comovedor testemunho. Uma pequena imagem, que representa a *Mater Salvatoris*, venerada na Capela do Pontifício Colégio Leoniano lugar dos seus estudos juvenis que tem no dorso esta invocação: "*Em Ti, ó Senhor esperei, e na tua Santíssima Mãe; que eu não esteja confundido eternamente*".

Quantas vezes ele terá repetido as palavras desta oração, escrita por seu punho em previsão da última partida! Podemos considerá-las como o testamento espiritual que ele nos deixa: palavras que, melhor que qualquer outra consideração, hoje nos ajudam a reflectir e a rezar. O Cardeal Angelo Felici confiou a sua vida e a sua morte à Mãe do Salvador e precisamente a Ela desejamos entregar a sua alma. Maria, que este nosso irmão amou e invocou como Mãe terna e solícita, o receba agora entre os seus braços como filho caríssimo e o acompanhe ao encontro com Cristo, com Aquele que "com a sua vitória nos redime da morte e nos chama consigo à vida nova" (cf. *Prefácio dos Defuntos*, V). Amém!

© Copyright 2007 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana